Laura Bellini



Não me mande de volta para casa

A confissão mais importante não precisa de microfone

Não me mande de volta para casa

A confissão mais importante não precisa de microfone

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902097

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Condições que não estavam no contrato.....12
Capítulo 2 - Do outro lado dos fones de ouvido..... 25
Capítulo 3 - O som que não pode ser repetido 40
Capítulo 4 - Sem a luz vermelha 54
Capítulo 5 - O direito de dizer não 69
Capítulo 6 - Intimidade sem testemunhas 82
Capítulo 7 - Do outro lado do vidro 94
Capítulo 8 - Onde ninguém precisa provar nada 106
Capítulo 9 - O risco escrito no silêncio 120
Capítulo 10 - Quando só resta a verdade 133
Capítulo 11 - Uma manhã sem roteiro 147
Capítulo 12 - A voz que de repente se cala.....159
Capítulo 13 - O preço do sucesso compartilhado 173
Capítulo 14 - O que ainda não dissemos 185
Capítulo 15 - O homem por trás da voz 198
Capítulo 16 - Quando a intimidade não é suficiente 209
Capítulo 17 - O que me pertence..... 220
Capítulo 18 - A própria voz dele 231
Capítulo 19 - Tudo o que permanece no silêncio 242
Capítulo 20 - Não me mande de volta para casa 254

INTRO

A primeira coisa que ouvi ao entrar no estúdio foi a minha própria voz.

— Não me mande de volta para casa.

Parei com a mão na maçaneta, embora soubesse aquela frase praticamente de cor. Eu a havia gravado três anos antes, na cozinha de um apartamento alugado, entre duas e três da madrugada. Na época, não tinha um microfone profissional, dinheiro para contratar um editor de áudio nem a menor ideia de que algumas dezenas de segundos de uma gravação particular poderiam chegar a mais de um milhão de pessoas.

O que eu tinha eram vinte e oito anos, uma mala pronta e alguém que acabara de me dizer que seria melhor se eu voltasse para o lugar de onde tinha vindo.

Agora, aos trinta e um anos, eu estava no corredor de um dos estúdios de gravação mais bem equipados de Wrocław. Do lado de fora, a chuva de novembro transformava as luzes dos carros em rastros borrados. O festival de áudio começaria no dia seguinte, e eu finalmente teria a oportunidade de fazer algo que desejava havia muito tempo: produzir uma série autoral na qual as pessoas contariam suas histórias sem precisar fingir que eram mais fortes do que realmente eram.

Só não havia previsto que alguém usaria minha gravação mais pessoal como amostra de áudio.

— Quem colocou isso para tocar? — perguntei.

A garota sentada diante da mesa de som tirou os fones de ouvido às pressas.

— Desculpa. Achei que fosse um arquivo de teste. Estava na pasta do festival.

Na tela, reconheci o nome do arquivo: Kornelia_Wilk_demo_final.

Não me lembrava de ter compartilhado aquela versão com ninguém.

— De onde você tirou isso?

— O Ernest me mandou. Disse que era o silêncio mais bem gravado que já tinha ouvido.

Por um instante, fiquei olhando para ela sem dizer nada.

Ernest.

É claro.

Ernest Róg tinha o dom de fazer até uma mensagem de voz comum soar como uma conversa tarde da noite, acompanhada de uma taça de vinho. Nós nos conhecemos quatro anos antes, em um fórum on-line de profissionais de áudio. Nunca havíamos nos encontrado pessoalmente, embora tivéssemos trocado centenas de mensagens, dezenas de gravações e alguns comentários que pessoas sensatas não mandariam para alguém que conheceram pela internet.

Eu conhecia a voz dele melhor do que a de alguns membros da minha própria família.

Grave, tranquila, sempre com uma ponta de diversão. Ele conseguia falar sobre compressão de áudio com o mesmo entusiasmo com que outros homens falavam sobre férias à beira-mar. Também era capaz de passar sete minutos inteiros me ouvindo dizer que abandonar um emprego estável para criar meu próprio podcast provavelmente tinha sido a decisão mais idiota da minha vida.

Naquela ocasião, ele apenas respondeu:

— A decisão mais idiota teria sido continuar num lugar onde você deixou de ser quem é.

Eu me lembrava exatamente de onde estava quando ouvi aquelas palavras. Um ponto de bonde, um banco molhado, um café esfriando num copo de papel.

O que eu não conseguia lembrar era quando a voz dele havia começado a significar algo além de uma relação profissional.

— Pode desligar isso? — pedi à garota.

Ela interrompeu a reprodução imediatamente.

O silêncio que se instalou pareceu quase indecentemente íntimo.

— Meu nome é Maja — apresentou-se, visivelmente constrangida. — Sou assistente nas gravações. Ernest disse que você chegaria mais cedo hoje.

— Ernest diz muita coisa.

— Geralmente ele tem razão.

— Essa é uma opinião muito perigosa.

Maja sorriu, insegura, enquanto eu colocava minha bolsa sobre uma poltrona. Tirei o notebook, o cronograma e o contrato que havia recebido dos organizadores do festival naquela manhã.

Meu plano era simples. Quatro dias de gravações. Seis conversas com pessoas capazes de contar suas próprias histórias sem um roteiro pronto. Uma audição final durante um evento do festival. Depois, a publicação da série completa sob minha própria marca, sem um produtor executivo que pudesse decidir, no último minuto, que as

histórias eram difíceis demais ou pouco atraentes para o público.

Eu havia passado o último ano trabalhando para conquistar o direito de tomar minhas próprias decisões.

Não pretendia entregá-lo a outra pessoa só porque ela tinha um estúdio excelente e uma voz com a qual, em algumas noites, eu acabava adormecendo de fones de ouvido.

— Onde encontro o Ernest? — perguntei.

Maja olhou para o relógio.

— Ele deve chegar daqui a pouco. Está verificando a segunda sala de controle.

Naquele exato momento, meu celular vibrou na minha mão.

Uma mensagem de voz.

Dele.

Apertei o botão de reprodução sem pensar.

— Kornelia, antes que você comece a planejar meu assassinato por causa daquele arquivo, gostaria de deixar registrado que, tecnicamente falando, salvei sua reputação.

Ouvi uma risadinha discreta de Maja atrás de mim.

— E ainda não terminei — continuou a voz no celular. — Você enviou aos organizadores uma versão que passou por normalização automática. Parecia que estava falando de dentro de uma máquina de lavar. Substituí pelo original. Pode me agradecer pessoalmente. Estou no fim do corredor.

Virei a cabeça.

Uma porta do outro lado da parede de vidro se entreabriu, e um homem alto saiu de lá, usando calça escura e camisa

com as mangas dobradas. Tinha cabelos curtos, ligeiramente despenteados, barba por fazer havia alguns dias e o jeito de andar de alguém que conhecia cada centímetro do espaço ao seu redor.

Segurava uma caneca de café em uma das mãos e o celular na outra.

Olhou para mim.

Sorriu.

E, embora nunca o tivesse visto pessoalmente, não tive a menor dúvida.

Ernest Róg.

Durante quatro anos, imaginei o homem do outro lado dos meus fones de ouvido. Nenhuma das versões que criei na minha cabeça havia me preparado para a realidade.

— Kornelia Wilk — disse ele, parando a poucos passos de mim. — A mulher capaz de insultar um engenheiro de som em três mensagens sem usar um único palavrão.

— Quatro. Mandei a última ontem.

— Eu vi. Gostei especialmente da parte em que você comparou minha proposta a um experimento realizado com a paciência de pessoas inocentes.

Ele falava exatamente como eu me lembrava.

A diferença era que agora eu também podia ver a pequena ruga que surgia ao lado de sua boca quando tentava conter um sorriso mais aberto. E a maneira como olhava diretamente para mim, sem desviar os olhos para o celular.

— Você usou minha gravação sem minha autorização — falei.

O sorriso desapareceu de seu rosto.

— Você tem razão. Eu deveria ter perguntado.

A simplicidade da resposta me surpreendeu mais do que qualquer argumento elaborado teria conseguido.

— Não gosto quando alguém toma decisões por mim.

— Eu sei.

— Então por que fez isso?

Ele colocou o café sobre o parapeito estreito da janela.

— Porque fiquei com medo de que os organizadores ouvissem a versão errada e rejeitassem seu projeto antes que você tivesse a chance de explicar o que aconteceu. Isso não justifica minha decisão. Mas foi por esse motivo que a tomei.

Eu queria continuar com raiva.

Queria mesmo.

Só que Ernest olhou para os documentos que eu havia espalhado sobre a mesa e depois para o relógio pendurado acima da porta do estúdio. Quando as vozes de alguns participantes do festival chegaram pelo corredor, seus dedos se fecharam em torno da borda do parapeito. Por uma fração de segundo, ele lançou um olhar para a sala de apresentações, onde os técnicos organizavam fileiras de cadeiras e um microfone sobre um pedestal.

— Está tudo bem? — perguntei.

— Está. — Ele respondeu um pouco depressa demais. — Venha, vou mostrar a sala de controle.

Não me movi.

— Primeiro, quero deixar uma coisa bem clara. Essa série é minha. Você fornece o estúdio, a engenharia de áudio e o

suporte técnico. Não altera nenhum material sem minha autorização.

Ele me observou por alguns instantes, como se tentasse identificar alguma coisa que jamais conseguira perceber através dos fones de ouvido.

— Combinado — disse finalmente. — Mas eu também tenho uma condição.

— Estou ouvindo.

— Não vamos fingir que acabamos de nos conhecer.

De repente, encontrar uma resposta pareceu muito mais difícil.

Ernest deu um passo na minha direção, deixando entre nós espaço suficiente para que eu pudesse me afastar.

Não me afastei.

— Sei como é a sua voz quando você tenta convencer todo mundo de que está dando conta de tudo — disse ele, mais baixo. — E também sei como ela soa quando você está realmente feliz. Não vou tratar você como uma desconhecida só porque esta é a primeira vez que estamos na mesma sala.

O corredor continuava cheio do burburinho dos preparativos. Alguém arrastava caixas de equipamentos, enquanto outra pessoa chamava os palestrantes pelo nome. Atrás do vidro, as luzes quentes iluminavam o estúdio.

E eu estava ali, olhando para o homem cuja voz havia sido um lugar seguro durante quatro anos, justamente porque eu não precisava ver seu rosto.

— Ernest — comecei devagar. — E se, pessoalmente, não conseguirmos conversar como antes?

Ele ficou em silêncio por alguns instantes. Depois estendeu a mão para mim, aberta, sem qualquer expectativa.

— Então começamos de novo.

Olhei para a mão dele.

Eu poderia ter permanecido junto à mesa, ao cronograma e a todos os limites sensatos que havia preparado para aquele encontro.

Em vez disso, estendi a minha mão.

Seus dedos envolveram os meus em um aperto quente e firme. Ele não me puxou para perto nem tentou prolongar o contato. Deixou que eu decidisse quando soltar sua mão.

E foi justamente por causa daquela delicadeza tão simples e inesperada que compreendi que minha chegada a Wrocław poderia se revelar muito mais complicada do que eu havia imaginado.

Porque, se um homem que eu conhecera até então apenas como uma voz era capaz de despertar em mim, num único instante, a vontade de ficar mais perto, o que eu faria quando ele realmente quisesse me conhecer?

Capítulo 1 - Condições que não estavam no contrato

A primeira coisa que descobri sobre Ernest Róg depois de passar cinco minutos em sua companhia foi que ele tinha um talento irritante para fazer alguém se sentir bem-vindo, mesmo quando essa pessoa estava decidida a enfrentá-lo.

A segunda foi que ele não pretendia ceder só porque eu levantava a voz.

— Não vou assinar isso — anunciei, deslizando o contrato pela mesa.

Estávamos sentados numa pequena sala de reuniões ao lado da sala de controle. Atrás da parede de vidro, Maja testava os microfones, enquanto, no corredor, os técnicos transportavam os equipamentos preparados para a abertura do festival. Ernest tirou o paletó, que até então eu não havia percebido pendurado no encosto da cadeira, e dobrou as mangas da camisa um pouco mais. Só naquele momento notei uma pequena cicatriz em seu antebraço esquerdo.

— Você nem leu a última página.

— Li as seis anteriores.

— A sétima é a mais romântica. Contém as informações sobre a responsabilidade por danos aos equipamentos.

— Nesse caso, vou deixar vocês dois a sós. Talvez sejam felizes juntos.

Ele sorriu, mas logo ficou sério. Virou o documento e apontou para o trecho em que eu havia colocado um ponto de interrogação.

— É essa cláusula que está incomodando você?

— A possibilidade de usar trechos do meu material em eventos promocionais organizados pelo estúdio. Não há prazo definido, nem limites de utilização, nem procedimento de aprovação. Isso não é uma parceria. É deixar a porta aberta para que outras pessoas usem o meu trabalho.

— É uma cláusula padrão.

— Cláusulas padrão também podem ser mal redigidas.

Por alguns instantes, ele me observou atentamente. Não parecia ofendido. Parecia mais um homem que acabara de receber um problema interessante para resolver.

— Tudo bem. Vamos retirar a cláusula.

Não respondi imediatamente.

— Assim, sem mais nem menos?

— Você preferia discutir por mais vinte minutos?

— Eu tinha preparado argumentos excelentes.

— Pode guardá-los para depois. Provavelmente ainda serão úteis.

Recostei-me na cadeira e olhei para ele por cima dos documentos. Nas mensagens de voz, Ernest sempre parecia seguro de si, mas pessoalmente sua confiança tinha outra temperatura. Ele não dominava a conversa. Deixava que eu falasse e depois respondia com tanta tranquilidade que precisava tomar cuidado para não confundir aquela paciência com disposição para ceder.

— Já que estamos falando das cláusulas — começou ele -, há uma coisa que eu não vou aceitar.

Eu sabia que chegaríamos àquele assunto.

— Sou toda ouvidos.

— No cronograma do evento de encerramento, você me colocou como coapresentador.

— Porque você é responsável pela criação da parte sonora. Queria que o público ouvisse como as gravações foram feitas.

— Você mesma pode contar isso.

— Prefiro que fale a pessoa que realmente fez o trabalho de áudio.

— Estarei na mesa de som. Não preciso ficar ao seu lado no palco.

Levantei os olhos do notebook. Havia uma firmeza em sua voz que eu ainda não conhecia.

— Ernest, são cinco minutos de conversa. Não estou pedindo que você faça um discurso diante do Parlamento.

— E eu estou dizendo para não colocar meu nome na programação sem combinar comigo.

— Mas conversamos sobre fazer o encerramento juntos.

— Sobre preparar o encerramento juntos.

— Essa é uma diferença bastante importante que você poderia ter mencionado.

— Tem razão. Eu deveria ter mencionado.

Outra vez aquela disposição para assumir a responsabilidade. Começava a suspeitar que ele a havia aperfeiçoado com anos de prática. Só que, dessa vez, em vez de olhar para mim, Ernest concentrou a atenção na folha de papel sob sua mão. Passou o polegar pela borda, alisando uma dobra invisível.

— Por que isso é tão importante para você? — perguntei.

— Isso o quê?

— Não aparecer durante o encerramento.

— Porque sou responsável pelo estúdio e por toda a parte técnica do evento. Prefiro ter controle sobre o que acontece atrás da mesa de som.

Parecia razoável. Quase convincente.

— Tudo bem — respondi. — Não vou colocar seu nome sem sua autorização. Mas precisamos encontrar uma maneira honesta de contar como trabalhamos juntos.

— Isso nós podemos fazer.

— E não vou fingir diante dos organizadores que já está tudo acertado.

— Não espero que faça isso.

Fechei o notebook, tentando entender por que aquela conversa havia me deixado mais cansada do que toda a manhã de preparativos. Provavelmente porque Ernest não se comportava como os homens com quem eu havia negociado profissionalmente até então. Não tentava falar mais alto do que eu, intimidar-me ou me convencer com elogios. Estabelecia um limite e, quando eu o questionava, não o deslocava nem um centímetro.

Era irritante.

E perturbadoramente atraente.

— Tenho mais uma condição — disse ele.

Soltei uma risada pouco convincente.

— É claro que tem.

— Se qualquer um de nós considerar que determinado material viola a privacidade de um entrevistado, suspendemos a publicação até esclarecer a situação.

— Essa regra já faz parte do meu trabalho.

— Eu sei. Li suas diretrizes.

Olhei para ele com desconfiança.

— Você costuma ler os regulamentos de pessoas que conhece pela internet?

— Só das pessoas que convido para trabalhar no meu estúdio.

— Então sou especial.

— Há muito tempo, Kornelia.

Ele disse aquilo quase casualmente. Sem sorrir, sem fazer uma pausa teatral. Apenas olhou nos meus olhos e deixou as palavras permanecerem entre nós.

Baixei o olhar para os documentos, embora nenhum daqueles números ainda precisasse da minha atenção.

— Não tente negociar dessa maneira.

— De que maneira?

— Não finja que não sabe.

— Não estou fingindo.

Antes que eu pudesse responder, Maja apareceu à porta.

— Desculpem. Estamos com um problema no terceiro microfone. Ele faz uns estalos quando movimentamos o braço articulado.

Ernest se levantou imediatamente.

— Você verificou o cabo?

— Duas vezes.

— Me mostre.

Segui os dois até a sala de controle. Não porque precisasse. Simplesmente queria ver como Ernest

trabalhava quando não tinha tempo para preparar suas respostas.

Maja entregou os fones a ele. Atrás do vidro estava uma jovem convidada para uma gravação experimental. Ernest primeiro falou com ela pelo interfone, explicando tranquilamente que precisava de dois minutos. Só depois começou a verificar as conexões.

Não procurou culpados. Não fez comentários sobre a competência de Maja. Formulou perguntas curtas, ouviu as respostas e eliminou uma possibilidade de cada vez.

— Não é o cabo — disse depois de alguns instantes. — É o conector perto do suporte.

Movimentou o braço do microfone. Um estalo seco soou nos fones.

— Maja, traga o suporte reserva. Kornelia, pode pedir à nossa entrevistada que espere mais um pouquinho?

Por um segundo, tive vontade de lembrá-lo de que ele não havia me contratado para trabalhar na equipe do estúdio. Em vez disso, entrei na cabine.

A mulher se apresentou como Alicja. Tinha pouco mais de trinta anos, cabelos curtos e girava nervosamente um anel no dedo. Era uma das pessoas que haviam se inscrito no meu projeto para contar sobre um momento de mudança na vida profissional.

— Está tudo bem? — perguntou.

— Está. O equipamento resolveu testar nossa paciência.

Ela esboçou um sorriso.

Sentei-me diante dela.

— Podemos aproveitar esse tempo. Ainda não vamos gravar. Só gostaria de saber o que você absolutamente não quer ouvir sobre si mesma no material final.

Minha pergunta a surpreendeu.

— Não quero que pareça que fui corajosa.

— Por quê?

— Porque não fui. Só saí do emprego quando realmente não aguentava mais ficar lá.

— Isso parece uma parte importante da história.

Ela me olhou com alívio.

— A maioria das pessoas diz que eu deveria sentir orgulho de mim mesma.

— Você pode sentir orgulho e, ao mesmo tempo, lembrar como tudo foi difícil.

Foi então que vi Ernest através do vidro. Estava diante da mesa de som, segurando o suporte reserva. Já não trabalhava no microfone. Observava nós duas.

Quando percebeu meu olhar, levantou a mão para indicar que tudo estava pronto.

A gravação experimental durou vinte minutos. No início, Alicja falava com cuidado, escolhendo as palavras como se cada uma pudesse ser usada contra ela mais tarde. Foi somente quando perguntei sobre uma terça-feira comum, antes de ela deixar o emprego, que me contou uma história ausente do formulário de inscrição. Sobre um sanduíche comprado num posto de gasolina. Sobre um telefonema da mãe. Sobre ter chorado dentro do carro porque não conseguia entrar no escritório.

Eu não precisava de uma trilha sonora dramática. Bastava deixá-la falar.

Quando terminamos a gravação, Ernest pediu a Alicja que ouvisse um trecho antes de ir embora. Depois que ela confirmou que estava confortável com o material, ele a acompanhou até a porta, enquanto eu permanecia diante da mesa de som.

Só quando voltou percebi que estava visivelmente satisfeito.

— O quê? — perguntei.

— Nada.

— Conheço essa expressão. É a mesma que aparece na sua voz quando você está prestes a dizer alguma coisa insuportável.

— Eu ia dizer que você é boa.

Senti um calor agradável que não pretendia demonstrar.

— Eu sei.

— Não terminei.

— Isso é perigoso.

— Você consegue fazer as pessoas pararem de dizer aquilo que prepararam e começarem a contar a verdade. Sem pressioná-las. Isso é raro.

Virei-me para o monitor.

Eu sabia receber elogios sobre minha aparência sem grande dificuldade. Mas elogios profissionais, especialmente quando eram tão precisos, atingiam um lugar muito mais profundo.

— E você consegue consertar um microfone sem culpar metade do planeta — respondi. — Também é raro.

— Maravilha. Já trocamos gentilezas. Podemos voltar à discussão.

— Ainda não terminamos?

— Ainda não decidimos quem tem a palavra final sobre a edição.

Endireitei-me na cadeira.

— Eu.

— Em questões de narrativa e conteúdo, sim. Mas, se você quiser publicar um material que tecnicamente não atende aos padrões combinados, tenho o direito de apresentar objeções.

— Apresentar objeções ou impedir a publicação?

— Apresentar objeções. A decisão será sua. Só não quero que meu nome apareça em algo que eu não possa assinar como responsável pelo áudio.

Pensei por alguns instantes.

— Justo.

— Vou anotar a data. Kornelia Wilk admitiu que eu tinha razão.

— Não se acostume.

Durante a hora seguinte, trabalhamos na estrutura dos primeiros episódios. No meu planejamento, cada história começaria com um som que o entrevistado associasse a um momento importante da própria vida. Ernest sugeriu gravar alguns desses sons em lugares reais, em vez de reproduzi-los a partir de bibliotecas de áudio.

Eu me opus à ideia porque significava mais tempo e custos adicionais.

Ele então me mostrou uma gravação feita numa estação ferroviária vazia de Wrocław, ao amanhecer.

Primeiro ouvi um anúncio distante. Depois, o som das rodinhas de uma mala passando pelo chão. Por último, uma risada discreta de duas pessoas. Nada espetacular. Mesmo assim, depois de alguns segundos, tive a impressão de estar ali, ao lado delas.

— É por isso — disse ele.

Não precisou acrescentar mais nada.

Às quatro da tarde, recebi uma ligação de Marta Sadowska, representante do festival. Ela queria confirmar a programação da audição final e os nomes das pessoas que apareceriam diante do público.

Ernest estava sentado à minha frente quando atendi.

— Kornelia, já temos o material promocional — anunciou Marta. — Gostaríamos muito que Ernest participasse do evento no palco. O nome dele fica ótimo na programação, e uma conversa entre a produtora e o engenheiro de som seria um encerramento excelente.

Olhei para ele.

Não se mexeu. Apenas deixou a caneta sobre a mesa.

— Ainda não combinamos como será a participação dele — respondi.

— Mas ele é o responsável pelo estúdio.

— Isso não significa que tenha concordado automaticamente em se apresentar.

Marta suspirou.

— Preciso de uma resposta concreta até amanhã.

— Você terá uma assim que eu conversar com Ernest e chegarmos a um acordo.

Encerrei a ligação.

Por alguns instantes, ficamos em silêncio.

— Você não precisava fazer isso — disse ele finalmente.

— Isso o quê?

— Dar explicações sobre mim para a organizadora.

— Não dei explicações sobre você. Apenas informei um fato.

Ele me olhou de uma maneira que eu ainda não sabia interpretar.

— Mesmo assim, obrigado.

— Não transforme isso num grande acontecimento.

— Não estou transformando.

— Está, sim. Consigo ouvir.

Ele riu baixinho.

Voltamos aos documentos, mas alguma coisa havia mudado. Não nas condições da parceria nem no cronograma. Era mais a maneira como começávamos a olhar um para o outro. Como se cada um de nós tivesse descoberto um pequeno fragmento do outro que jamais poderia ter conhecido por meio de mensagens de voz.

Antes de sair, assinei o contrato revisado. Ernest acrescentou à mão o compromisso de obter aprovação para qualquer utilização pública dos materiais. Eu aceitei o procedimento para apresentar objeções técnicas e retirei seu nome da lista de apresentadores do encerramento.

— Satisfeita? — perguntou.

— Moderadamente.

— Acho que é o melhor resultado que eu poderia esperar.

Guardei o notebook na bolsa. Quando fui pegar o casaco, Ernest segurou a porta para mim, mas não saiu atrás de mim.

— Kornelia?

Virei-me.

— Sim?

— Quatro anos atrás, você me disse que seu maior medo era trabalhar com alguém que não a levasse a sério.

Eu me lembrava daquela conversa. Tinha acabado de sair de uma reunião com um produtor que passara uma hora explicando por que minha voz era adequada para anunciar cosméticos, mas não para apresentar um projeto próprio.

— Você se lembra dessas coisas?

— Não de todas. Das importantes.

Observei-o por alguns instantes.

— E do que você tem medo, Ernest?

O sorriso desapareceu por um momento. Ele olhou em direção à sala de apresentações, de onde veio o som de um microfone sendo testado.

— De chegar um dia em que eu não tenha mais nada que valha a pena dizer.

— Acho difícil acreditar nisso.

— Eu sei. Sou muito convincente.

Dessa vez, porém, sua brincadeira soou diferente.

Não voltei a perguntar. Ainda não.

Quando saí para a calçada molhada de Wrocław, tinha um contrato aprovado, um cronograma quase pronto e a certeza de que havia escolhido um bom parceiro de trabalho.

O que eu não tinha era qualquer certeza de que conseguiria manter com ele a distância que, naquela mesma manhã, me parecera tão simples.

O mais perturbador era que Ernest não havia tentado diminuir essa distância uma única vez.

Mesmo assim, pela primeira vez em muitos meses, eu desejava que o próximo dia de trabalho começasse mais cedo.

Capítulo 2 - Do outro lado dos fones de ouvido

Na manhã seguinte, acordei com uma mensagem de voz que não pretendia ouvir antes do primeiro café.

É claro que a ouvi imediatamente.

— Bom dia, senhora produtora. Tenho duas notícias. Uma boa e uma ruim. A boa é que encontrei um lugar perfeito para gravar a história de Alicja. A ruim é que isso exige sair da cama antes das sete. Suspeito que você já me odeie.

Olhei para o relógio.

Seis e quarenta e três.

— Ernest Róg — falei para o quarto vazio do hotel -, você é um homem sem coração.

Gravei uma resposta.

— Se esse lugar for apenas mediano, vou me certificar pessoalmente de que você passe o resto do festival tomando café descafeinado.

Ele respondeu em menos de um minuto.

— Ameaças recebidas. Nos encontramos às oito na entrada do estúdio. E tome café da manhã. Ontem você terminou o expediente à base de duas amêndoas e indignação.

Sorri antes que pudesse me impedir.

Era ridículo. Durante quatro anos, havíamos trocado mensagens semelhantes. No entanto, agora que eu conhecia seu rosto e a maneira como franzia a testa quando estava concentrado, cada frase parecia mais pessoal.

Levantei-me, abri as cortinas e observei Wrocław. A chuva havia parado, deixando os telhados úmidos e escuros. Os bondes deslizavam pelas ruas, enquanto as pessoas corriam para o trabalho, sem imaginar que, em um dos quartos de hotel, uma mulher de trinta e um anos tentava explicar racionalmente a si mesma por que uma mensagem sobre tomar café da manhã lhe causara tanto prazer.

Decidi não dedicar mais atenção ao assunto.

Tinha coisas mais importantes para resolver.

Acima de tudo, precisava concluir um projeto do qual dependia meu futuro profissional. Eu havia encerrado uma parceria estável com uma grande produtora, investido minhas economias em equipamentos e passado vários meses convencendo os organizadores do festival de que uma série sobre momentos comuns e difíceis da vida das pessoas merecia um lugar na programação principal.

Havia recebido uma oportunidade.

Agora precisava provar que sabia aproveitá-la.

Pouco antes das oito, cheguei ao estúdio com uma caneca de café e uma pasta cheia de anotações. Ernest me esperava junto ao carro. Usava uma jaqueta escura, um suéter simples e jeans. Sem a camisa elegante, parecia menos formal, mais acessível, mas ainda havia nele alguma coisa que atraía os olhares.

Quando me viu, abriu a porta do passageiro.

— Bom dia.

— Não exagere na educação. Ainda estou irritada com o horário.

— São oito horas.

— Psicologicamente, para mim ainda são seis.

— Percebi. Por isso comprei outro café para você.

Apontou para um copo de papel no porta-copos.

— Está tentando me subornar?

— Sim. Está funcionando?

— Infelizmente.

Entrei no carro e só então percebi uma pequena sacola de papel de uma padaria ao lado do café.

— Não sabia do que você gosta no café da manhã — disse ele, sentando-se ao volante. — Então comprei dois croissants diferentes. Você pode escolher.

— E se eu não comer pão?

— Nesse caso, vou ter uma manhã excepcionalmente boa.

Eu ri.

Não eram grandes gestos. Era justamente por isso que funcionavam. Ernest não tentava impressionar. Prestava atenção em detalhes que outras pessoas geralmente deixavam passar.

Enquanto atravessávamos a cidade, conversamos sobre as gravações. Ele havia sugerido uma antiga estação de carga ferroviária, parte da qual fora transformada em espaço cultural. Em uma das alas, ainda existiam as portas originais, as escadas metálicas e um corredor comprido com uma acústica extraordinária.

— Alicja falou sobre sair de um lugar onde tinha medo de entrar — explicou. — Gostaria de gravar passos, uma pausa diante de uma porta e o som dela se abrindo. Sem atores,